NAS ÚLTIMAS DUAS SAFRAS, O PAÍS AMPLIOU SUBSTANCIALMENTE A OFERTA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS, FATO QUE VEM CONTRIBUINDO PARA QUE OS PREÇOS DE ALGUNS GÊNEROS DE PRIMEIRA NECESSIDADE AUMENTEM EM RITMO INFERIOR AO DA INFLAÇÃO. ESSE RESULTADO, NEM SEMPRE DEVIDAMENTE APRECIADO, É O OBJETO DESTE ARTIGO.

Durante dois anos seguidos o Brasil, em conseqüência das safras frustradas de 1977/78 e 1978/79, teve que enfrentar o grave problema da oferta insuficiente de alguns produtos agrícolas. Apesar dos esforços do governo, o segundo semestre de 1979, sobretudo, foi caracterizado por uma alta excessiva do preço de determinados gêneros de primeira necessidade. A tal ponto que a quebra das safras do Centro-Sul, no ano agrícola de 1978/79, foi, naquela altura, apontada, freqüentemente, como uma das principais causas da aceleração da inflação brasileira.

Em 1980, a expectativa de que o aumento da produção agrícola, obtido naquela temporada, resultasse num rápido afrouxamento dos preços, frustrou-se parcialmente, em razão das carências que se haviam acumulado em dois anos consecutivos de safras ruins. Havia necessidade de se recomporem os estoques, tanto a nível governamental como privado. A demanda potencial, por outro lado, em função do crescimento da renda *per capita* da população e da ampliação dos mercados externos, já havia galgado novo patamar.

Hoje, a situação é radicalmente diferente. O país emerge de duas safras muito bem sucedidas que ampliaram substancialmente a oferta de produtos agrícolas em relação à situação que vigorava em 1979.

É lícito esperar, portanto, que o comportamento dos preços dos produtos agrícolas reflita essa maior oferta, contribuindo, de certa forma, para arrefecer o ímpeto inflacionário da economia brasileira.

Aproveitando as informações acumuladas graças a um acompanhamento sistemático dos preços dos principais produtos agrícolas, a nível de atacado, assim como a experiência de seus técnicos no que diz respeito à análise de mercados, o **Grupo de Informação Agrícola** decidiu examinar a evolução dos preços de seis produtos agrícolas de grande importância na economia brasileira e avaliar, desta forma, a contribuição que a agricultura vem dando para o combate à inflação.

Antes, é preciso ressaltar que o presente estudo tem caráter meramente indicativo. Os preços levantados pelo **GIA**, embora referentes a um con-

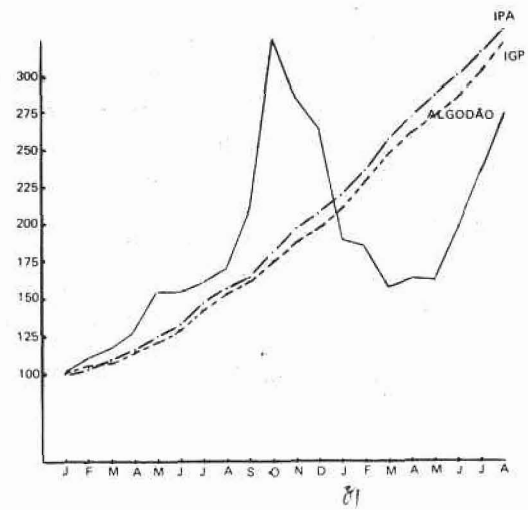
junto de produtos bastante representativos, não são objeto de metodologia de coleta que caracteriza o trabalho de elaboração de índices de preços. Assim é que, na maioria dos casos, o preço levantado obedece a uma única especificação do produto.

Sendo assim, o resultado da análise apresentada a seguir não deve ser visto como uma apuração precisa da participação da agricultura no processo inflacionário brasileiro; mas, sim, como mera indicação do efeito que safras boas podem ter sobre o comportamento dos preços. Nesse sentido, o presente estudo é particularmente oportuno, pois vem a público no momento em que são tomadas as primeiras decisões com relação à safra 1981/82.

Para efeito de comparar a evolução dos preços agrícolas com a dos demais preços que compõem a economia do país, foram escolhidos o Índice de Preços por Atacado (IPA) e o Índice Geral de Preços (IGP). Adotou-se, como ponto de partida para a análise, o mês de janeiro de 1980, momento em que se fizeram sentir, nos mercados agrícolas, os primeiros efeitos positivos da safra 1979/80.

GRÁFICO 1

ALGODÃO



Algodão

Ao longo do ano passado, as cotações do algodão evoluíram sistematicamente a taxas superiores às dos incrementos do IPA e do IGP, em razão sobretudo da escassez do produto, ocasionada pelas chuvas que atingiram a colheita paranaense na entrada da safra meridional.

Normalmente, a segunda metade do ano registra altas nos preços do algodão, em razão da entressafra. Mesmo assim foi notável a elevação dos preços da fibra a partir do mês de setembro do ano passado.

O início de 1981 apresentou um mercado fraco, de cotações rapidamente declinantes, ao contrário do mesmo período do ano anterior, quando apenas a entrada da safra impediu maiores elevações do preço. Este ano, porém, com a liberação das importações solicitadas pelo setor industrial, devido ao nível de preços vigente no final de 1980, os preços recuaram. Embora apenas 3,5 mil t tenham sido efetivamente importadas, a ameaça de novas compras no exterior, caso os preços se recuperassem, garantiu a manutenção da queda das cotações. A este fator baixista somaram-se os excelentes resultados obtidos na safra 1980/81, com uma melhora significativa no rendimento médio da cultura e uma maior participação de algodões superiores no total da colheita.

A partir de junho deste ano, no entanto, os preços do algodão reencetaram uma trajetória altista, aproximando-se das linhas de ascensão do IPA e do IGP. Isto se deveu à proximidade da entressafra e a uma recuperação do nível de compras da indústria. Contribuindo para a persistência desta tendência, o governo federal liberou exportações de até 100 mil t de algodão em pluma em setembro, com o objetivo de recuperar os preços no mercado interno e, simultaneamente, auxiliar a balança comercial.

Embora seja difícil a concretização destas vendas (a prorrogação dos EGFs e do recolhimento do ICM não reduziram a gravosidade do produto brasileiro, pois as cotações internacionais estão em queda desde julho) a possibilidade de exportar contribuiu para reativar os preços.

Arroz

Como resultado da vultosa safra 1979/80, os preços do arroz têm estado deprimidos, em todos os níveis de comercialização. Mas não cabe apenas ao elevado volume da colheita daquele ano a responsabilidade pela queda no preço real do produto. Com efeito, no princípio da distribuição daquela safra, no período março-junho de 1980, os preços do cereal apresentaram certa tendência à alta, o que motivou uma intervenção do governo federal nos mecanismos reguladores da comercialização, em meados do ano. Assim, pode-se ver no Gráfico 2 que, no 2º semestre de 1980, a curva referente aos preços do produto perde terreno em relação à evolução do IPA e do IGP, não conseguindo acompanhá-los.

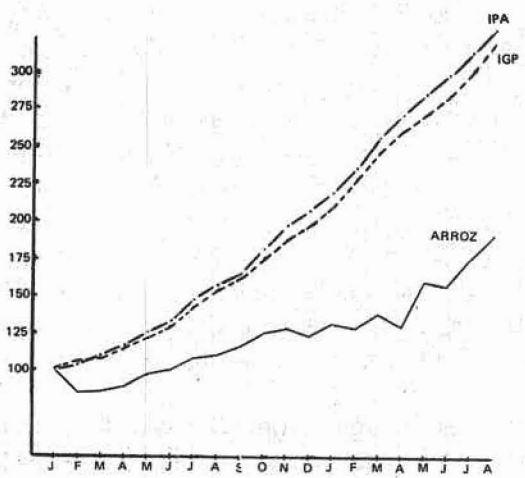
A ocorrência de importações do produto no período (258 mil toneladas) contratadas oficialmente para auxiliarem a constituição de um estoque de garantia equivalente a dois meses de consumo, promoveu a estagnação dos preços do cereal. Estes não conseguiram acompanhar a ascensão dos demais preços da economia, na maior parte das regiões produtoras, resultando em cotações igualmente baixas no atacado, em razão da grande oferta do produto.

Somente a partir de meados do corrente ano, passou a se verificar uma recuperação dos ganhos dos produtores. Nada de espetacular, porém, pois a safra 1980/81, mesmo prejudicada pela estiagem, ainda propiciou uma boa colheita, estimada atualmente em cerca de 9 milhões de t. Ocorre, no entanto, que, tendo-se constituído em principal (por vezes, único) comprador do produto, a Comissão de Financiamento da Produção promoveu uma elevação geral das cotações do arroz, ao efetuar a correção dos preços de aquisição, sob pressão dos produtores matogrossenses.

Atualmente, os preços do cereal vêm apresentando altas maiores, acompanhando a inflação com melhor aderência, possivelmente como resultado da nova prática de reajuste do preço mínimo, através do INPC. Também contribui para que isto ocorra a política da CFP, evitando liberar seus estoques, com o que auxilia a recuperação dos preços justamente na época mais propícia ao plantio das safras de verão.

GRÁFICO 2

ARROZ



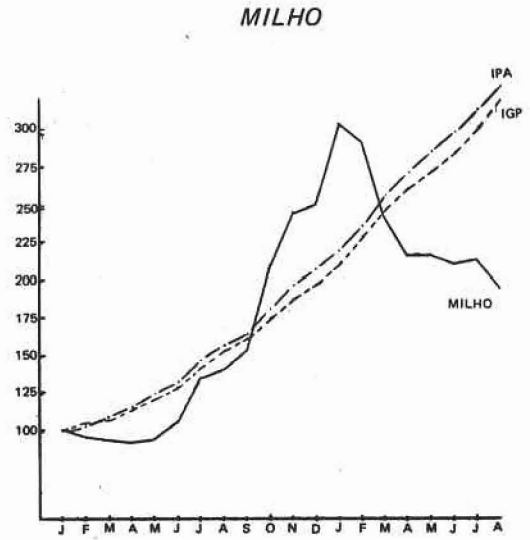
Milho

A safra brasileira de milho na temporada 1979/80, de 20,2 milhões de toneladas, conseguiu manter os preços do cereal num ritmo ascensional ligeiramente abaixo das altas do IPA e do IGP, no período entre janeiro e setembro do ano passado.

No último trimestre do ano, período tradicional de alta, o governo esperava poder frear a elevação dos preços do produto, mediante ingresso de milho importado dos EUA. No entanto, o produto norte-americano foi vendido morosamente e o objetivo governamental viu-se frustrado por uma ascensão das cotações do milho que superou amplamente a alta inflacionária.

O aquecimento do mercado perdurou até o início da colheita da safra 1980/81, colocando o milho entre os poucos produtos agrícolas que contribuíram para a expansão dos índices inflacionários. A entrada do produto novo, da safra 1980/81, aliada à desaceleração do crescimento da avicultura, em 1981, explica a reversão iniciada em

GRÁFICO 3



meados de janeiro. A partir de então, os custos de manutenção dos estoques por parte das indústrias e a desativação de diversas granjas produtoras de frango de corte, atuaram de modo a manter deprimida a cotação do milho no atacado. Esta situação, porém, poderá mudar com a aproximação da entressafra e, provavelmente, inverter-se, com o atraso sofrido pelo plantio do cereal, no Centro-Sul, para a safra 1981/82.

Soja

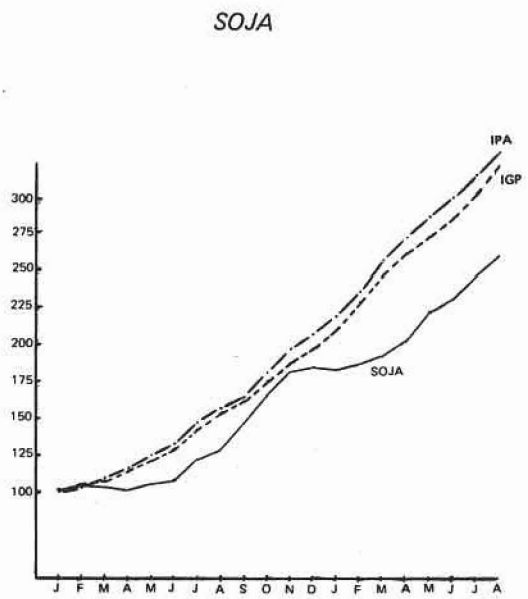
O comportamento dos preços da soja é, dentre todos os produtos, o que mais se aproxima da evolução do IPA e do IGP. Mesmo assim, em nenhum momento conseguiu ultrapassar a curva daqueles índices, embora as tenha praticamente tocado em fins de 1980, período de entressafra.

Nestes dois anos, o país colheu safras abundantes da leguminosa, que pressionaram as cotações do produto e, não fosse a quebra da safra norte-americana do ano passado, não teria ocorrido a recuperação do último trimestre de 1980. Como o mercado interno da soja recebe influências das cotações vigentes no mercado externo, a fraca demanda mundial pelo produto, ao longo dos primeiros meses de 1981, repercutiu no país. Assim, nem mesmo a menor oferta dos EUA, no ano comercial que se encerrou no mês passado, foi capaz de elevar substancialmente os preços da leguminosa no mercado brasileiro.

Gradativamente, os preços do produto foram perdendo o ímpeto, distanciando-se da trajetória do IPA e do IGP. Isto se deveu à entrada da nova safra e ao elevado volume de importações em regime de *"draw-back"*, que se iniciaram simultaneamente à colheita e à comercialização da safra 1980/81.

Atualmente, o atraso no plantio e a aproximação da entressafra, fatores altistas, estão sendo contrabalançados pelo grande volume da safra norte-americana e pelo início do novo ano comercial internacional, sugerindo que os preços da soja prosseguirão abaixo dos índices que medem a inflação.

GRÁFICO 4



Carne Bovina

A queda nos preços reais do boi gordo, mais nítida após outubro de 1980, reflete, com certo atraso, não só a maior oferta de carne na safra 1980/81, mas, principalmente, a retração do consumo registrada no período. O menor volume de vendas em nível de retalho foi conseqüência do recorde de alta registrado em setembro de 1979 (Cr$ 3.822,00/arroba do boi gordo, em cruzeiros de julho de 1981), considerado, na época, excessivamente elevado pelo próprio setor pecuário, temeroso de uma reação do mercado que tardou mas acabou se verificando, um ano depois, em pleno recesso da economia do país.

A estabilidade dos preços nominais no período outubro de 1980 a julho de 1981 representou uma queda significativa no poder de compra dos criadores. Essa redução poderia ter sido mais acentuada se o governo não tivesse destinado um montante de Cr$ 46 bilhões para a estocagem na entressafra e de Cr$15 bilhões para o fomento das exportações.

O mercado retalhista não refletiu totalmente essa queda, nos preços reais, uma vez que houve aumento de 28,8%, nos preços médios da carne bovina, nos balcões dos supermercados, no primeiro semestre de 1981, segundo a ASSERJ. Destaque-se, porém, a estabilidade nominal desses mesmos preços ao longo do segundo semestre de 1980.

Frango

Prejudicado pela baixa dos preços, característica da fase atual, do ciclo pecuário brasileiro, o setor avícola não vem encontrando preços remuneradores, condizentes com seus elevados custos de produção.

O Gráfico 6 permite verificar que, embora apresentando períodos de rápida ascensão, o preço do frango esteve, desde janeiro de 1980, sistematicamente abaixo da evolução do IPA e do IGP.

Mesmo no segundo semestre de 1980, quando, a partir de outubro e até fevereiro de 1981, as cotações do produto se elevaram, os produtores não conseguiram boa remuneração. Com efeito, embora

GRÁFICO 5

CARNE BOVINA

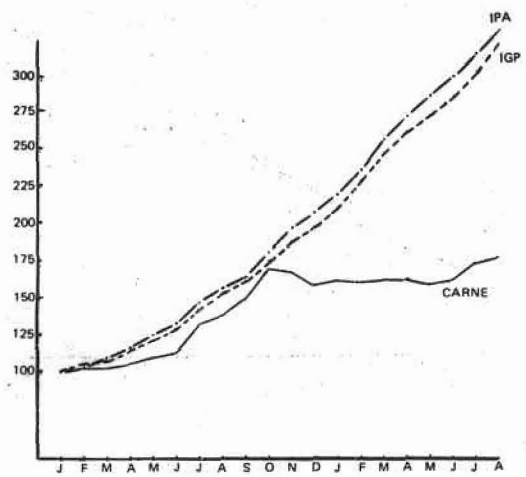
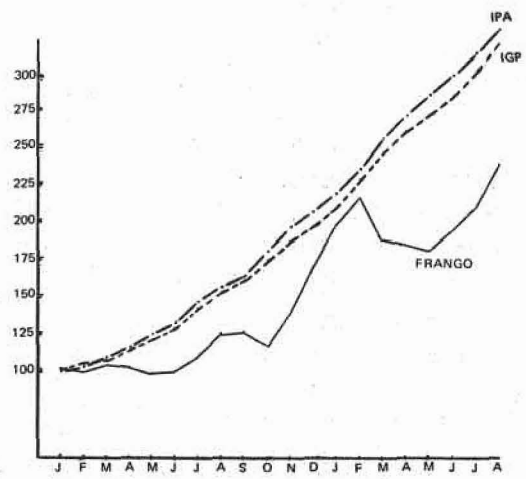


GRÁFICO 6

FRANGO



o segundo semestre seja uma época de alta sazonal dos preços da carne de frango, a rápida diminuição dos estoques de milho e as dificuldades para aquisição do cereal no exterior comprimiram a margem de lucratividade dos avicultores. Posteriormente, a concorrência mais acirrada da carne bovina contribuiu ainda mais para a crise do setor, que provocou, este ano, a desaceleração do crescimento da produção de carne de aves.

O fato de que, em 1981, a curva do preço do frango cotado em bolsa permaneceu abaixo das do IPA e do IGP, explica-se pela influência do preço da carne bovina e pela venda de carne estocada pelo governo federal.

A recente valorização do preço do boi gordo, provocada pela geada que atingiu os pastos de quase todas as regiões produtoras, em julho, auxiliou a recuperação das cotações do frango, iniciada em meados do ano. Apesar disso a variação acumulada do preço do frango mantém-se, ainda, bem distante dos índices inflacionários.

O conjunto de gráficos que foram analisados mostra, de maneira inequívoca, que o setor agrícola vem dando, nos últimos vinte meses, uma contribuição efetiva à desaceleração progressiva da inflação brasileira. No caso das lavouras, essa contribuição resulta, sobretudo, da expansão da oferta. Já no que diz respeito à evolução no mercado de carnes, o relativo afrouxamento dos preços é fruto não só do crescimento da produção mas, também, em parte, de uma certa reação do consumidor a preços que alcançaram, em determinado momento, níveis excessivamente altos.

Se a safra 1981/82 repetir o bom desempenho das duas temporadas anteriores, pode-se esperar uma contribuição mais significativa ainda da produção agropecuária, para a redução da inflação brasileira. É claro, no entanto, que não poderá persistir, por muito tempo, a defasagem que se registra, atualmente, entre a evolução dos preços dos produtos agrícolas e a dos demais preços da economia. Neste sentido, é importante que o governo obtenha, até o momento da colheita da próxima safra, uma redução significativa dos índices de preços que medem a inflação no conjunto da economia brasileira.